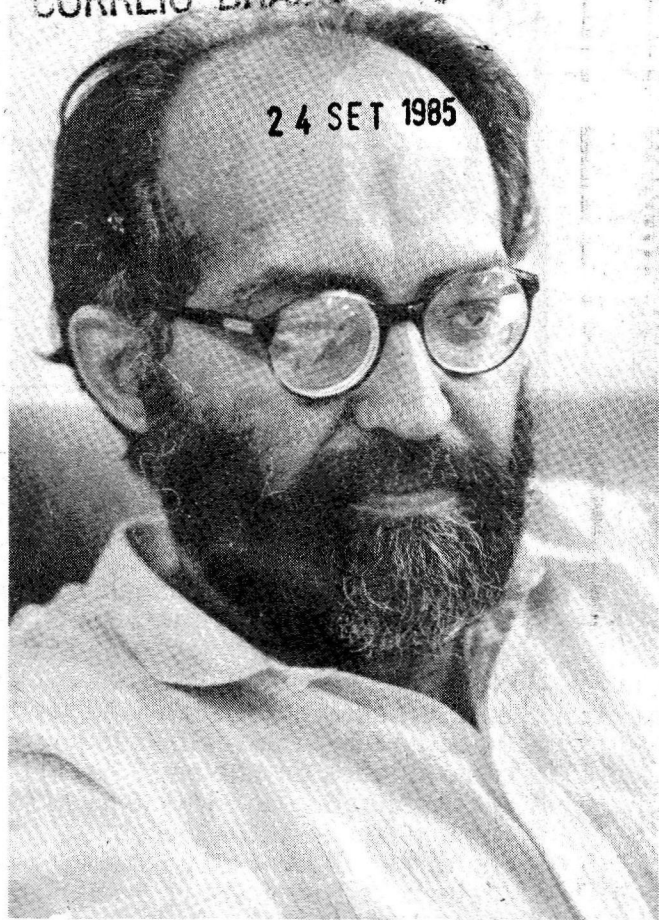


Por uma nova saúde^{DF}

CORREIO BRAZILIENSE

O Grupo de Trabalho Saúde e Desenvolvimento Integral, criado pelo governador José Aparecido, sob a coordenação do jornalista Fernando Lemos, inicia concretamente as suas atividades no dia de hoje. E nesta primeira fase o grupo terá 30 dias para entregar e definir as bases do projeto-piloto para Brazlândia e Planaltina, que funcionarão como referência inicial do plano de saúde e desenvolvimento integral, a ser implantado no DF e na região geoeconômica.

24 SET 1985



○ secretário Executivo do Grupo de Trabalho Saúde e Desenvolvimento, Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula — atualmente membro do Conselho Editorial da Revista Vida Alternativa —, destaca que a proposta é de uma intervenção a nível de planejamento integral. A ideia é que estas comunidades venham, idealmente, a jamais precisar de um hospital. Isto porque, através deste processo educacional ele vai morar em um habitat sadio, se alimentar melhor, se curar com recursos domésticos, viver sua atividade sócio-cultural de maneira mais gratificante, viver em um espaço urbano melhor estruturado, vivenciar uma escola menos alienada em relação às necessidades comunitárias — diz Luiz Gonzaga. “Queremos dar a Brazlândia e Planaltina a certeza de que dentro da própria comunidade existem os meios para que se transformem em comunidades culturalmente produtivas, economicamente significativas e socialmente integradas na tarefa da operacionalização do conceito de democracia que a Nova República preconiza”.

Para Luiz Gonzaga, esta iniciativa demonstra uma sensibilidade muito grande por parte do Governo do DF na medida em que admite publicamente a impossibilidade do Estado responder sozinho a todas as carências das comunidades urbanas e rurais do Distrito Federal. E mais: admite

também publicamente que estas comunidades carentes são dotadas de grandes potencialidades: “Estas potencialidades podem romper o ciclo vicioso da estagnação econômica e social”. O Grupo de Trabalho tentará incorporar à prática governamental um conceito pouco ortodoxo de planejamento: o planejamento integral, cuja característica básica é partir dos indivíduos em si, dos valores e talentos da comunidade, para provocar um efeito de reação em cadeia, a baixo custo: “Parte, portanto, de realidades objetivas. Não propõe impor nenhum pacote em qualquer área de interesse comunitário. Esta proposta de intervenção pressupõe um envolvimento muito grande dos agentes externos com os agentes comunitários, que serão, a todo momento, os agentes do processo”.

No plano, por exemplo, da saúde econômica, as pessoas são sempre solicitadas no sentido da busca de empregos. Entretanto, a saúde econômica de um indivíduo ou de uma família se realizaria com um sucesso muito maior na medida em que fosse incentivada a iniciativa pessoal: “E isto vai de uma escala micro até o plano de uma média empresa. Existe toda uma série de inventos, de produtos e de serviços que não têm uma oportunidade de se expressarem economicamente porque se dá muito pouco estímulo às pequenas atividades. O nosso trabalho será de intervenção

no sentido de garantir à comunidade oportunidades de autodeterminação”. E por onde começar? Em primeiro lugar, pelo conjunto de tecnologias de baixo custo e fácil assimilação — responde Luiz Gonzaga. Estas tecnologias serão o motor de uma série de desdobramentos que se repercutirão em cadeias: “Um único indivíduo curado através de uma técnica não-convencional barata, sadia, isenta de efeitos colaterais, pode induzir a toda uma cadeia de alterações no plano cultural de uma comunidade. E da mesma forma na agricultura, na educação, e em todas as áreas”. Henrique-

ta Camaratti, médica da Visão Nacional de Saúde Mental, do Ministério da Saúde, observa que há um abismo entre as tecnologias avançadas e a saúde do povo. E ela aproveita para citar o conceito de saúde formulado pela Organização Mundial de Saúde: Saúde é o bem-estar físico, psíquico e social do indivíduo: “Não se pode falar em saúde enquanto não se reconhecer a ordem dos seres dentro da natureza. O ser humano é um microcosmo dentro de um macrocosmo. Este trabalho vai promover uma maior harmonia do indivíduo com as suas necessidades básicas”.

A coordenação do Grupo de Trabalho de Saúde e Desenvolvimento Integral está a cargo do jornalista Fernando Lemos, editor-executivo do **CORREIO BRAZILIENSE** e um dos maiores defensores da medicina natural, especialmente da naturopatia. Segundo ele, o trabalho da equipe estará embasado no incentivo a uma revolução cultural, de abandono dos valores que são vendidos pela sociedade de massa em prol da reutilização dos verdadeiros caminhos das comunidades de Planaltina e Brasília.

Para dar início à fase ativa do trabalho, serão realizados debates com o objetivo de colocar em questão estes mesmos valores e identificar pessoas da comunidade que tenham liderança e possam coordenar estas atividades. Para o resgate da cultura local, o apoio aos anciões: "Os velhos têm esta informação e pretendemos reverter a imagem que é vendida de que não servem para nada: eles é que podem nos ajudar no sentido do resgate de técnicas alternativas utilizadas pelas comunidades, logo durante seu nascimento, no início do século".

Outro pilar de sustentação

Incentivo a uma revolução cultural

do projeto: o investimento na saúde: "Vamos parar de investir na doença e apostar na saúde. A doença é um desequilíbrio do organismo. Atacá-la somente pode provocar problemas ainda maiores, pois estaremos atacando o efeito e não mexendo diretamente nas causas. No entanto, se atacarmos a causa, a doença passa a não existir. Não se trata de atuar diretamente no hospital e sim de realizar a medicina preventiva, através da alimentação correta, da higiene e da redefinição dos espaços". Neste ponto, Fernando Lemos afirma que muitas das habitações não permitem, sequer, a ventilação. Segundo ele, este quadro pode ser modificado, sem maiores custos, com a construção de casas em adobe, madeira ou sapê.

O incentivo à criação de hortas domésticas e comunitárias também faz parte do projeto. "Em Brasília não se

prevê espaço para as hortas". Através deste trabalho o custo de vida fica reduzido, ao mesmo tempo em que as pessoas passam a se alimentar com produtos mais saudáveis, que não contêm qualquer adubo químico. "Vamos investir no pequeno produtor e na tecnologia alternativa, rentilizando o lixo orgânico e ensinando as diversas formas de reaproveitamento do lixo. Uma maneira também de combater a poluição". Todas estas informações serão levadas às escolas de primeiro grau.

Entre diversas técnicas agrícolas, o Grupo sempre escolherá as mais naturais. Um exemplo está na recuperação do solo do cerrado, num meio de torná-lo mais alcalino: "Existem dois caminhos, duas posturas a serem tomadas. A primeira, trabalhando a terra com os adubos químicos, opção com resultado mais rápido mas com vida útil muito curta, além de provocar a altera-

ção química do alimento. A outra alternativa é recuperar o solo através de processos naturais, como a plantação de leguminosas que filtram o nitrogênio do ar e enriquecem a terra. É um processo mais longo, que deixa o produto mais resistente à praga e conveniente ao consumo humano, além de estar isento do uso de defensivos".

Outro trunfo do projeto é que ele se apresenta como fundamentalmente ecológico: "Ecologia não pode ser bandeira política. As pessoas devem primeiro cuidar de sua ecologia interna para poderem compreender a extensão da defesa do meio ambiente. Quando uma pessoa polui um rio, uma floresta e mata os animais, é porque ela também já está poluída por dentro: seus rios, sua flora, sua fauna. Não é um problema partidário ou ideológico".

As opções medicinais do Grupo são a acupuntura, a fitoterapia, a homeopatia e a naturopatia. "O que não tinha havido até agora era vontade política para aceitar outras formas de se cuidar da saúde". Mas fica um recado: tudo será amplamente discutido com a comunidade antes de ser implantado.